

LOUREIRO FERNANDES E OS XETÁ

Carmen Lucia da Silva*

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer ao prof. Igor Chmyz, diretor do Centro de Pesquisas Arqueológicas - CEPA e à profa. dra. Rosângela Digiovanni, chefe do Departamento de Antropologia - DEAN, ambos da UFPR, pelo convite para participar desta mesa. Minha colaboração neste Evento de Comemoração do Centenário de Nascimento do prof. José Loureiro Fernandes é muito singular, posto que, meu conhecimento a seu respeito passa por apenas duas áreas, dentre as muitas que ele atuou. A primeira como diretor e fundador do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, que na sua época foi denominado Museu de Arqueologia e Artes Populares. A segunda, por sua atuação junto aos Xetá, povo indígena da família lingüística Tupi-Guarani, habitantes originais da região Noroeste do Paraná.

Para efeitos desta exposição enfocarei apenas a sua atuação junto aos Xetá, considerando assim, a pesquisa de mestrado e doutorado que desenvolvi com os sobreviventes do grupo de 1996 a 2003.

As fontes que utilizo para extrair dados a respeito do mencionado professor foram os documentos oficiais, escritos científicos, manuscritos diversos e nos depoimentos dos Xetá.¹

No âmbito de sua atuação entre os Xetá, duas ações foram de importância significativa: a primeira, no campo da política indigenista, ocasião em que buscou junto aos órgãos do Governo Federal e Federado, chamar a atenção para as atrocidades praticadas contra os Xetá, além de reivindicar destes, a destinação e demarcação do território tradicional do grupo. A segunda atuação é marcada por seu

* Antropóloga Doutora e pesquisadora responsável pela área de Etnologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.

¹ A identificação das pessoas que aparecem nas fotografias apresentadas ao longo do texto foi feita pelos Xetá: Tucanambá José Paraná (Tuca), Kuein Manhaay Nhaguaká Xetá e José Luciano da Silva (Tikuein Nhangoray, ou Tikuein), e pelo sr. Dival José de Souza (coordenador da I e II Expedição de contato com os Xetá pelo Serviço de Proteção ao Índio), por ocasião da pesquisa de Silva (1996-1997).

empenho pessoal e acadêmico no sentido de gerenciar recursos para financiar pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento, como a Linguística e a Arqueologia. Certamente, cada uma destas ações implica em olhares e interpretações distintas sobre as suas atitudes no trato com a problemática Xetá.

O INDIGENISTA LOUREIRO FERNANDES

Embora Loureiro Fernandes já tivesse realizado pesquisa entre os Kaingáng de Palmas na década de 1940, sua atuação direta junto aos Xetá tem início no ano de 1955, logo após a aproximação de um pequeno núcleo familiar,² em dezembro de 1954, dos moradores da Fazenda Santa Rosa,³ situada nas imediações do córrego Indoivaí (ou córrego do Índio), um dos afluentes do rio Ivaí, parte do território tradicional Xetá. Portanto, é após esta primeira aproximação que tem início as ações indigenistas e acadêmicas de José Loureiro Fernandes direcionadas ao grupo.

Na ocasião, ao tomar conhecimento do contato Xetá com a fazenda, o inspetor da 7ª Inspetoria Regional (IR) do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), Deocleciano de Souza Nenê, que já mantinha estreitas ligações com José Loureiro Fernandes, desde que trouxera da Serra dos Dourados duas crianças Xetá capturadas por agrimensores da Colonizadora Suemitsu Miyamura & Cia. Ltda.,⁴ convidou-o a incorporar a expedição⁵ de contato organizada pela 7ª IR/SPI.⁶

² Este núcleo era composto, inicialmente, por três famílias nucleares poligínicas ligadas a um grupo local patrilinear maior que continuava no interior da floresta fugindo da aproximação dos colonizadores.

³ A Fazenda Santa Rosa, hoje denominada Santa Maria, pertencia ao deputado estadual Antônio Lustosa de Oliveira que, em 1952, trocara um título de terra que possuía em Guarapuava/PR por terra no noroeste paranaense situada na gleba XV da Serra dos Dourados. A referida propriedade era administrada desde junho do mesmo ano por seu primo, Antônio Lustosa de Freitas, que nela passou a habitar junto com sua família.

⁴ As crianças capturadas foram: Tikuein Ueió (Caiuá, ou Antônio Guairá Paraná), pego em julho de 1952, e Tucanambá José Paraná (Anambu Guaka), ou Tuca como é conhecido atualmente, transplantado para Curitiba em janeiro de 1953. Nesta época Loureiro Fernandes já vinha buscando levantar informações a respeito dos Xetá através das duas crianças.

⁵ O uso do termo expedição foi extraído dos originais dos relatórios elaborados pelo SPI.

⁶ Depoimento do sr. Dival José de Souza que coordenou pelo SPI a mencionada expedição.

Aceito o convite, Loureiro Fernandes coordena o grupo de pesquisa que o acompanha e Dival José de Souza⁷ chefe da 7ª IR, coordena a expedição como um todo. Nessa primeira viagem empreendida em outubro de 1955⁸ e, na posterior, realizada no mês subsequente, os meninos capturados acompanham-nas como guias e intérpretes (Figs. 1 e 2).



Figura 1. Primeira expedição, em outubro de 1955, na Fazenda Santa Rosa. Da esquerda para a direita: Ferralma (fotógrafo da Revista Guaíra), Loyola Neto (jornalista), Ney Barreto (estudante da Universidade do Paraná), Loureiro Fernandes (professor da Universidade do Paraná), Antônio Lustosa de Freitas (capataz da Fazenda Santa Rosa), Dival José de Souza (chefe da 7ª IR/SPI), Tuca e Caiuá (meninos Xetá) e, Durval Antunes Machado (agente do SPI) (Acervo do Museu Paranaense).

Infelizmente, nesta primeira investida os expedicionários não encontram nenhum Xetá na Fazenda Santa Rosa, e tampouco no interior da floresta. Movido pelo seu ideário de homem da ciência, mesmo frustrado em suas intenções de localizar o grupo, Loureiro Fernandes, com o auxílio de seu aluno Ney Barreto (estudante de Geografia e História na Faculdade de Filosofia), preocupou-se em efetuar os registros dos pontos percorridos pela expedição, situando os mesmos e os acampamentos indígenas num croqui elaborado sobre uma planta da região

⁷ Filho do Inspetor da 7ª IR/SPI Deocleciano de Souza Nenê.

⁸ Deste grupo participaram: Tuca e Caiuá, Dival, Durval (ambos da 7ª IR/SPI), Ney Barreto (aluno de José Loureiro Fernandes), o jornalista Loyola Neto, o fotógrafo Ferralma e Afonso, motorista da Universidade do Paraná. A equipe foi acompanhada pelo administrador da fazenda, Antônio Lustosa de Freitas.

da Serra dos Dourados. Neste esboço eles situam os pontos de moradias, além de listar os artefatos encontrados em cada um desses locais e, aquele percurso feito pelo inspetor Deocleciano, no ano de 1952.



Figura 2. Outro aspecto da primeira expedição, em outubro de 1955. Da esquerda para a direita: dois mateiros da região, Ney Barreto, Antônio Lustosa de Freitas, Durval Antunes Machado, Loyola Neto, Dival José de Souza, Loureiro Fernandes e Afonso Pereira (motorista da Universidade do Paraná) (Foto: Ferralma - Acervo do MAE/DEAN/UFPR).

Neste mesmo croqui, eles situam os acampamentos que a equipe localizou ao longo do córrego 215, e também um dos últimos espaços de moradia do grupo local do pai de Tuca e Caiuá, além do lugar onde este último foi capturado. Enfim, Loureiro, auxiliado por Ney Barreto tenta representar no mapa um dos últimos espaços habitados pelos Xetá, antes de sua total ocupação pelos agentes colonizadores.

Na ocasião, na tentativa de recolher um maior número possível de evidências comprobatórias da presença indígena no território percorrido, ele recolhe vários objetos de cultura material confeccionados em pedra, fibra e madeira, levando-os para o Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná, em Curitiba, para compor o acervo das suas coleções etnográficas. Algumas informações a respeito desses objetos lhes são fornecidas por Tuca e registradas em uma relação datada de 28/10/1955, assinada por Ney Barreto⁹ (Fig. 3).

⁹ Posteriormente a coleção foi enriquecida com objetos coletados pelo lingüista prof. dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, pela arqueóloga profa. dra. Annete Laming-Empeaire e pelo cinetécnico da Universidade do Paraná, Vladimír Kozák.



Figura 3. Primeira expedição, em outubro de 1955. Loureiro Fernandes e os meninos Xetá Caiuá e Tuca, que o auxiliam na identificação de artefatos encontrados nos acampamentos atingidos pela expedição (Foto: Ferralma - Acervo MAE/DEAN/UFPR).

No mesmo ano, durante o mês de novembro, uma segunda expedição formada pelos membros da primeira, se desloca novamente ao *habitat* Xetá. Desta vez Loureiro Fernandes não pôde acompanhar a equipe. Este, porém, se fez representar através das lentes da máquina fotográfica de Vladimír Kozák, cinetécnico da Universidade do Paraná, que se junta ao grupo com a responsabilidade de efetuar os registros fotográficos e, pelo olhar de seu aluno Ney Barreto, que acrescenta ao mapeamento anterior o croqui do novo itinerário percorrido. Nesta expedição os viajantes conseguem alcançar algumas famílias, parte daquele grupo que havia se aproximado da Fazenda Santa Rosa em dezembro de 1954.

Três meses após a segunda expedição de 1955, em fevereiro de 1956, Loureiro Fernandes coordena uma viagem de pesquisa à Serra dos Dourados. É nessa ocasião que a equipe consegue um primeiro e único contato com parte de um grupo local que consta dos registros fotográficos e do filme em 16mm feitos por Kozák. Infelizmente, nenhum membro desse grupo seguiu a expedição. Apenas Nhengo

(Figuras 4, 5 e 6), no final do mesmo ano, após o massacre de seu núcleo familiar, é levado para a Fazenda Santa Rosa onde se junta aos que viviam nas suas imediações (Fig. 7).



Figura 4. Segunda expedição, em novembro de 1955. Acampamento de Adjatukã, que aparece segurando o arco. Do seu lado direito, está uma de suas esposas e, à esquerda, seu irmão Mã, seguido de Antônio Lustosa de Freitas, Dival José de Souza, Hevay (irmã de Tuca), segunda esposa de Adjatukã e primeira esposa de Mã. Em pé, Kuein, um dos sobreviventes (Foto: Kozák - Acervo do Museu Paranaense).

Nas duas expedições (novembro 1955 e fevereiro de 1956) foram produzidos registros visuais, fotografias, que compõem hoje os acervos do MAE/DEAN/UFPR, Museu Paranaense da Secretaria de Estado da Cultura, Centro de Documentação da Funai de Brasília e Museu do Índio do Rio de Janeiro. Nos dois últimos locais, as imagens são parte de documentos enviados ao SPI.

No mesmo ano de 1956, durante o mês de agosto, a convite do reitor da Universidade do Paraná, Loureiro Fernandes faz a sua primeira conferência tratando sobre os Xetá, em homenagem a uma



Figura 5. Grupo local de Nhengo, em fevereiro de 1956. Entre outros, figuram: Nhengo (em primeiro plano), seu irmão Moëw (de frente), Hevay (mulher de perfil) e Djapanta (homem de perfil). Ao fundo, de costas, a irmã do pai de Tuca, casada com Moëw (Foto: Kozák - Acervo do MAE/DEAN/UFPR).



Figura 6. Grupo local de Nhengo, durante a expedição de fevereiro de 1956. Entre os Xetá, aparecem: Nhengo, Adjatukã (de cabelos curtos) e Tuca ao seu lado, também de cabelos curtos. Da equipe de pesquisa, figuram: Antônio Lustosa de Freitas, Loureiro Fernandes, Durval Antunes Machado e Afonso Pereira (Foto: Kozák - Acervo do MAE/DEAN/UFPR).

equipe de geógrafos estrangeiros participantes do XVIII Congresso Internacional de Geografia, que em excursão visitavam o Paraná. Nesta ocasião, ele apresentou a comunicação: *Le Peuplement du Nordouest du Paraná et Les Indiens Setá*, ilustrando sua exposição com a projeção de um filme em 16mm, feito por Vladimír Kozák.



Figura 7. Expedição de pesquisa realizada em 1960. Loureiro Fernandes junto a alguns Xetá que habitavam as imediações da Fazenda Santa Rosa: Nhengo, Geraldo (Tikuein Ueio), Tikuein Nhangoray (José Luciano da Silva - sobrevivente), Mã (Haykumbay - pai dos meninos), Arigã, sua primeira esposa e filha Tiguá (Tunkaadjo - sobrevivente) (Foto: Kozák - Acervo do Museu Paranaense).

Outras expedições de pesquisa, um total de 12, são realizadas logo após a de fevereiro de 1956. As mesmas ocorrem até fevereiro de 1961.

Utilizando-se de seu prestígio acadêmico e político,¹⁰ a atuação de Loureiro Fernandes frente à questão Xetá se estende ainda à coordenação de grupos de pesquisas, à mobilização de cientistas nacionais e estrangeiros, e à sensibilização de políticos paranaenses.

¹⁰ Loureiro Fernandes havia sido vereador de Curitiba e secretário de Educação e Cultura do Estado no primeiro mandato do Governo Moysés Lupion na década de 1940.

Neste último ofício ele, inicialmente, buscou junto ao Governo do Estado do Paraná a aprovação de um **Parque Florestal do Estado**, proposta defendida pelo deputado estadual Antônio Lustosa de Oliveira¹¹ em assembléia de 21 de novembro de 1955. A proposta de criação da reserva previa a destinação de uma área para os Xetá e outros prováveis grupos indígenas que pudessem ali existir.¹² Mesmo aprovada pela Assembléia Legislativa do Estado, a mesma foi vetada pelo governador Moysés Lupion.

O veto à proposta não desanimou Loureiro Fernandes, pelo contrário, inspirado pelo ante-projeto de lei do Parque Nacional do Xingu em 1952, criado posteriormente pelo Decreto Federal 50.455, de 14/04/1961, este propõe, em final de 1955, a criação do Parque Nacional de Sete Quedas,¹³ tendo como um de seus objetivos abrigar os Xetá e outros grupos indígenas que por ventura viessem a necessitar.

Paralela a tal proposta, ele continua sua investida junto ao Governo do Estado do Paraná, acompanhado por Deocleciano de Souza Nenê, na intenção de garantir uma reserva de terra para os Xetá dentro do seu *habitat*.¹⁴ Seu esforço de nada adianta, pois em 1957 em audiência com o governador são informados da inexistência de terras para este fim, posto que até o último reduto de terra tradicional do grupo, já havia sido concedido por doação ou venda a prepostos e à companhia de colonização que agia na região, no caso, a Cobrimco (Companhia Brasileira de Imigração e Colonização). Assim sendo, só restara-lhe buscar a aprovação do Parque Nacional, sua nova meta.

Para chamar a atenção das autoridades no intuito de garantir a aprovação do parque, durante as reuniões e congressos científicos, Loureiro Fernandes expõe a situação dos Xetá, fala da necessidade da demarcação de terra para os Xetá e denuncia abusos e violências praticadas contra o grupo. Como resultado de tal ato, muitas moções de apoio de órgãos de pesquisa nacionais e internacionais são encaminhadas ao Governo Estadual, na tentativa de sensibilizá-lo para a causa Xetá.

Numa demonstração de desconforto frente à situação que se desenhava, face ao destino trágico ao qual estavam expostos os Xetá, este elabora em 1957 um dossiê encaminhado ao Conselho Nacional

¹¹ Ocupante de parte do território Xetá onde foi implantada a Fazenda Santa Rosa, de sua propriedade.

¹² Ver OLIVEIRA (1978).

¹³ Ver SILVA (1998).

¹⁴ Ver, entre outros, Of. n° 42/57 de 18/09/1957; Of. n° 28/58 de 01/04/1958.

de Proteção ao Índio/CNPI expondo a situação vivida pelo grupo e, solicita desse Conselho providências até então nunca tomadas, insistindo na necessidade de aprovação do Parque Nacional de Sete Quedas que, no seu entendimento, era a única possibilidade que restara de sobrevivência do grupo.

Infelizmente, a aprovação do Parque Nacional de Sete Quedas em maio de 1961 não implicou na permanência dos Xetá em seu interior. Ao contrário, alguns meses antes, dois adultos do sexo masculino e um menino¹⁵ com aproximadamente 10 anos foram retirados de suas terras por funcionário do SPI e levados para uma área indígena no norte paranaense.

Em parte do território daquele grupo que buscou o contato com a Fazenda Santa Rosa permaneceram duas famílias, que viviam nas suas imediações, no local conhecido regionalmente como “Pé de Galinha”,¹⁶ além daqueles que viviam fugindo da aproximação com os invasores de seu território, dos quais se teve notícia até 1963. Uma delas foi transplantada pelo SPI por volta de 1963¹⁷ para a Área Indígena Guarapuava, situada no município de mesmo nome no Sudoeste do Paraná. A outra, foi dispersa¹⁸ em fevereiro de 1964, com a morte de seu responsável (Adjatukã) sem que qualquer medida tivesse sido adotada no sentido de resguardar-lhes parte do seu território tradicional que estaria incluso no interior dessa área de preservação.

Os Xetá que resistem ao contato “desaparecem”, aqueles que se aproximam dos brancos na tentativa de sobreviver sofrem os efeitos desastrosos da relação, e são dispersos de diferentes formas. Nem mesmo aquela parte do *habitat* tradicional do grupo inclusa no perímetro do parque lhes foi reservado.

Seguindo a mesma saga dos Xetá, o Parque Nacional de Sete Quedas desaparece em 1981, tomado pelas águas da hidrelétrica da Itaipu Binacional.¹⁹

¹⁵ O menino, conhecido por Tikuein Nhangoray (José Luciano da Silva), faz parte do grupo de sobreviventes.

¹⁶ Situada nas imediações do córrego Indoivaí, ou córrego do Índio como é conhecido regionalmente.

¹⁷ A família de Arigan, da qual sobrevivem hoje dois de seus filhos, Tiquêin Xetá e Rondon Xetá.

¹⁸ A exemplo de outros povos Tupi-Guarani, a morte de Adjatukã implicou na saída do local de moradia para outro ponto da floresta que ainda lhes restara. Estes, no entanto, resistem a viver com os brancos e fogem. Sobre o destino dos mesmos ver Silva (1998).

¹⁹ Sobre o processo de contato e extermínio da sociedade Xetá ver Silva (1998).



Figura 8. Família de Arigã transplantada para a Área Indígena de Guarapuava, em 1965. Estão presentes Arigã com seu filho Tiqüein (Karombe) ao fundo, Kuein, seu irmão, em primeiro plano e, Aruay, esposa de Arigã com o filho Rondon (Moây). Os dois meninos e Kuein são sobreviventes (Foto: Kozák - Acervo do MAE/DEAN/UFPR).

LOUREIRO FERNANDES: O INCENTIVADOR DE PESQUISAS ENTRE OS XETÁ

A atuação de Loureiro Fernandes junto aos Xetá esteve mais voltada à sensibilização dos órgãos de pesquisas nacionais e internacionais na busca de recursos para possibilitar a pesquisa, do que de atuar diretamente enquanto pesquisador e antropólogo de campo.

Sua limitação para efetuar uma pesquisa etnológica junto ao grupo levou-o a solicitar a Alfred Métraux (que dirigia a UNESCO), a indicação de um antropólogo para estudar a estrutura social Xetá. Para atender a tal solicitação, Herbert Baldus, em 1957, indica o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira que não aceita o convite por estar envolvido em pesquisa entre os Tikuna do alto Solimões, no Amazonas.

Um ano depois, em 1958, Loureiro Fernandes acompanha o lingüista Cestmir Loukotka (Fig. 9) até a terra dos Xetá, para que o mesmo efetuasse um levantamento da língua do grupo e o comparasse

com o vocabulário coletado por Fric, em 1907, junto aos Xetá cativos dos Kaingáng que viviam na região do rio Ivaí, nas imediações do Salto Ubá.



Figura 9. Viagem de Cestmir Loukotka à Serra dos Dourados para levantar o vocabulário Xetá, em 1958. Da esquerda para a direita, figuram: Geraldo (Tikuein Gamei), sogro de Antônio Lustosa de Freitas, Cestmir Loukotka, Carolina de Freitas e seu filho Carlos, Antônio de Freitas e cunhado, Tuca e Gonçalino. Ao fundo, a sede da Fazenda Santa Rosa, onde o lingüista ficou hospedado (Foto: Kozák - Acervo do Museu Paranaense).

Em 1959, Loureiro Fernandes consegue recursos financeiros para custear duas viagens²⁰ do antropólogo Carlos Araújo Moreira Neto a Serra dos Dourados com “a finalidade específica de coletar dados sobre a situação atual dos índios Xetá e outros informes de interesse para elaboração posterior de um plano de trabalho etnológico com o referido grupo tribal”. Tuca o acompanha como intérprete e guia, além de Kozák e um funcionário do SPI, João Serrano.²¹

Seu esforço derradeiro no campo da pesquisa ocorre quando

²⁰ A primeira viagem efetuada em julho e, a segunda, em novembro de 1959.

²¹ Sobre esta viagem e seus resultados ver Moreira Neto (1959a, 1959b) e Silva (1998).

este consegue, em 1960, recursos para financiar o deslocamento de pesquisadores até a Serra dos Dourados. Assim sendo, em 1960 (julho e setembro) e 1961 (janeiro e fevereiro) um grupo de pesquisa composto pelo lingüista prof. dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues,²² pela arqueóloga profa. dra. Annette Laming-Emperaire e Vladimír Kozák, acompanhados por Tuca, que vivia em Curitiba, seguem para o campo.

Na ocasião, tanto o lingüista como a arqueóloga permanecem com Tuca num pequeno acampamento Xetá habitado por duas famílias nucleares, parte daquele grupo que estabeleceu contato com a Fazenda Santa Rosa. Os resultados dos estudos efetuados por estes dois pesquisadores constam de Rodrigues (1978) e Laming-Emperaire (1964; 1978).



Figura 10. Acampamento de Adjatukã e Eirakã, nas imediações do córrego Indoivaí, visitado durante a última viagem de pesquisa, em janeiro e fevereiro de 1961. Estão presentes: Mã (de cabeça abaixada), Adjatukã, dois filhos seus (sobreviventes não localizados), sua esposa, Tuca, Aryon Dall'Igna Rodrigues e Tiguá (uma das mulheres sobreviventes). Atrás de Mã está Arigã, pai de Tiguá (Foto: Kozák - Acervo do MAE/DEAN/UFPR).

Junto a Alfred Métraux, através da UNESCO, conseguiu recurso

²² Professor da Universidade de Brasília, onde dirige o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI).

financeiro para custear pesquisa e proteção do grupo. Tais recursos, no entanto, não puderam ser utilizados, pois segundo Loureiro Fernandes **“a força dos fazendeiros agiram rapidamente, sem burocracia, na ocupação e devastação da área”**²³ e os Xetá foram varridos de seu território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo não tendo efetuado pesquisa sistemática junto aos Xetá, Loureiro Fernandes escreveu alguns artigos e comunicações apresentados em congressos e simpósios científicos a partir de suas observações em campo. Uma parte destes escritos e falas, que foram publicizados durante tais eventos, chamavam a atenção para as características singulares desse povo caçador e coletor fadado ao extermínio face ao processo de colonização que avançava vertiginosamente sobre o seu território tradicional. Outra destacava o traço “primitivo” da sua cultura material, as formas de subsistência e a técnica de obtenção e preparo de alimentos.

Seus artigos não só tratam de temas específicos, como enfocam o imediatamente observado pelo olhar de um viajante muito preocupado em salvaguardar objetos materiais em museus e levantar dados sobre o que a sociedade faz sem, contudo, se preocupar com o seu ordenamento social. Infelizmente, seus esforços para que estes estudos fossem efetuados, não lograram êxito, por uma série de fatalidades, inclusive, o fim da sociedade.

Tais escritos apresentam um olhar marcadamente evolucionista sobre a sociedade Xetá, a qual classifica como **“índios em estágio cultural bastante primitivo vivendo na idade da pedra polida”**. No entanto, mesmo ressaltando os aspectos primitivos, exóticos e fantásticos do patrimônio cultural desse povo, seus registros constituem hoje uma base documental sólida, rica e de grande importância à conquista dos direitos dos sobreviventes do grupo.

Sua preocupação em elaborar um mapa registrando os lugares percorridos pelas expedições de 1952 e 1955, destacando os locais das habitações, resultou num documento incontestável, precioso e comprobatório da ocupação tradicional Xetá ao longo da margem esquerda do rio Ivaí, especificamente, na extensão do córrego 215, Indoivaí e seus tributários.

²³ José Loureiro Fernandes, em documento sem data.

Se tal preocupação à época não resultou na demarcação, proteção e garantia de uma área para o grupo, atualmente, apoiado na memória dos sobreviventes Xetá e nas descrições topográficas e etnográficas que estes fazem do *habitat* de seu povo, tal mapa pôde ser aprofundado por Silva (2003) e, constitui-se numa base documental territorial fundamental à reivindicação e delimitação de uma terra para os remanescentes do grupo, apoiados no princípio da tradicionalidade garantido pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 234.

De todos os profissionais convidados para integrar as expedições e viagens de pesquisa, a inclusão de Kozák foi a mais efetiva e sistemática, pois, desde que passou a participar da equipe, este sempre se fez presente junto com sua câmara fotográfica e filmadora. Nas ausências de Loureiro Fernandes, suas tomadas fotográficas registravam o cenário a ser apreciado e utilizado posteriormente durante as palestras que o mencionado professor proferiu desde a expedição de outubro de 1955.

É graças à sua preocupação acadêmica em registrar “tudo” e, à disponibilidade e olhar de Kozák, que no final da década de 1960 e início da de 1970, Loureiro Fernandes pôde dirigir o filme 16mm *Os Xetá da Serra dos Dourados*²⁴ editado pelo Museu do Homem de Paris.

Como é possível observar nos parágrafos acima, da parte de Loureiro Fernandes, os esforços foram variados no sentido de que fosse garantido aos Xetá parte de seu território tradicional e, a sua sobrevivência física e cultural. No entanto, a omissão do Serviço de Proteção ao Índio, o avanço desenfreado das companhias de colonização sobre o *habitat* do grupo, somados ao oportunismo e autoritarismo do Governo do Estado do Paraná acelerou o processo de extermínio do povo Xetá e o esbulho do seu último reduto de terra protegido das frentes colonizadoras até o início da década de 1940.

Embora não tenha efetuado estudos antropológicos sobre o grupo, é graças à sua formação acadêmica e à sua atuação junto aos Xetá, que hoje se pode buscar nos arquivos do Museu de Arqueologia e Etnologia/MAE/UFPR, no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/CEPA/UFPR; no Círculo de Estudos Bandeirantes/CEB da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e no Museu Paranaense da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, dados de diferentes

²⁴ O mencionado filme foi transposto para vídeo. A respeito do mesmo fiz uma comunicação no I Curso de Antropologia Visual promovido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia e Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, durante os dias 30/11 a 03/12 de 2000 (ver SILVA, 2000).

naturezas a respeito dos Xetá.

Passados quarenta anos, num outro contexto político e acadêmico, pude em 1996, através de minha pesquisa de mestrado junto aos sobreviventes Xetá, contar com o fruto do seu esforço e de outros pesquisadores por ele apoiados. Através dos artigos produzidos por todos os pesquisadores, dos documentos oficiais elaborados por Loureiro, do croqui desenhado por Ney Barreto, das anotações de campo de Aryon Rodrigues, dos manuscritos e imagens produzidos por Kozák pude iniciar meu estudo com os atuais Xetá.

A soma de todas estas fontes em seus diferentes suportes, compartilhada, contextualizada e acrescida pelas memórias narradas de quatro sobreviventes mais velhos do grupo, resultou em minha dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC em 1998, e em minha tese de doutorado defendida em 2003 no PPGAS da Universidade de Brasília.

Se os registros produzidos por Loureiro chamam a atenção para o fim trágico dos Xetá, a memória dos sobreviventes atualiza este passado, o redesenha e interpreta à luz das suas experiências e lembranças, tomando-os como uma possibilidade de continuarem a viver, garantir seus direitos e sucumbir ao esquecimento e à invisibilidade que lhes foi reservado pelo órgão indigenista oficial.

Se Loureiro Fernandes vivesse hoje, talvez quisesse escrever uma outra história Xetá, onde o desfecho fosse o retorno dos sobreviventes à terra perdida e a da conquista dos direitos que no passado lhes foram negados. Tal história ainda está sendo escrita na medida em que atualmente o grupo vem reivindicando junto às diferentes instâncias, o seu reconhecimento étnico e a garantia de seus direitos, inclusive o de voltar a viver no território tradicional, que num passado muito recente lhe foi usurpado.

Finalmente, cabe registrar que graças à memória dos sobreviventes, principalmente a Tuca, Tikuein (Mã), Kuein e ã, e aos inúmeros documentos elaborados por Loureiro Fernandes foi possível identificar e delimitar uma base territorial²⁵ para os atuais Xetá.

²⁵ Desde março de 2001 a Fundação Nacional do Índio - FUNAI - através da Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF - e Coordenadoria Geral de Identificação e Delimitação - CGID - foi criado um Grupo Técnico de trabalho sob minha coordenação para efetuar os estudos de identificação e delimitação fundiária da terra indígena Xetá. Tuca, Tikuein e Kuein fazem parte do grupo e vêm acompanhando e participando de todas as etapas do estudo.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubens. Contribuição ao estudo fitogeográfico do Estado do Paraná: Serra dos Dourados. **Boletim da Universidade do Paraná**. Curitiba, n. 8, p. 1-16. 1962.

FERNANDES, José Loureiro. Os índios da Serra dos Dourados: os Xetá. Separata de: Reunião Brasileira de Antropologia (3., Recife, 1959), **Anais**, p. 27-46.

_____. **Relatório de Atividades da Seção de Antropologia e Arqueologia (1953-1957)**. Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1957.

_____. "A dying people." **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological Research**, [s.l.], n. 2, 1959.

_____. Le Peuplement du nordouest du Paraná et les indiens de la "Serra dos Dourados". **Boletim Paranaense de Geografia da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, n. 2-3, p. 79-91, jun. 1961.

_____. Os Índios da Serra dos Dourados: os Chetá. **Almanaque Popular Teuto-Brasileiro**, Florianópolis, p. 193-202. 1961.

_____. Os índios da Serra dos Dourados. **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological Research**. Vienna, n. 5, p. 151-154, 1962.

KOZÁK, Vladmir. Os índios Héta: peixe em lagoa seca. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 38, p. 11-120, 1981.

LAMING-EMPERAIRE, Annete; MENEZES, Maria José; ANDREATA, Margarida Davina. O Trabalho da pedra entre os Xetá da Serra dos Dourados, Estado do Paraná. **Coleção Museu Paulista**: série ensaios, São Paulo, n. 2, p. 19-82, 1978.

_____. Les Xeta, survivants de L'age de la Pierre. **Revue du Musée de l'Homme**, Paris, t. 9, 1964.

_____. Une Tribu indienne peu connue dans L'État bresilien Paraná.

Separata de: **Acta Ethnographica**, Budapest, t. 9, n. 3-4, 1960.

MILLER, Tom O. Stonework of the Xetá indians of Brazil. **Lithic Use-Wear Analysis**, New York: Academic Press, p. 401- 407. 1979.

MOREIRA NETO, Carlos Araújo. **Relatório de Viagem** encaminhado ao prof. José Loureiro Fernandes. Agosto de 1959. (mimeo.).

_____ **Relatório de Viagem** encaminhado ao prof. José Loureiro Fernandes. Dezembro de 1959. (mimeo.).

OLIVEIRA, Antônio Lustosa de. **Passos de uma longa caminhada**. Curitiba: Formigueiro. 1978.

RODRIGUES, Aryon D. A Língua dos índios Xetá como dialeto Guarani. Separata de: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, São Paulo, n. 1, p. 7-11. 1978.

ROJAS, Blanca G.; BOJANOSKI, Silvana de F. **Relatório de Atividades: Projeto José Loureiro Fernandes**. Secretaria de Cultura do Estado do Paraná e Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1993 (mimeo.).

SILVA, Carmen Lucia da. **Sobreviventes do extermínio**: um estudos das narrativas e lembranças “históricas” da extinção da sociedade Xetá. Projeto de Pesquisa de dissertação de mestrado apresentado à Fundação FORD/ANPOCS. Florianópolis. 1996.

_____ **Relatório parcial de pesquisa apresentado à Fundação FORD/ANPOCS** (ago - dez. /96). Florianópolis. 1997a.

_____ **Relatório Final de Pesquisa apresentado à Fundação FORD/ANPOCS** (jan - ago. /97). Florianópolis. 1997b.

_____ **Sobreviventes do Extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá**. Dissertação de mestrado. PPGAS/UFSC. Florianópolis. 1998.

_____ **Em Busca da Sociedade Perdida: O trabalho da memória Xetá**. Tese de Doutorado. PPGAS/UNB. Brasília: DF. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Departamento de**

Antropologia. Plano de pesquisa antropológica sistemática dos índios da Serra dos Dourados, Paraná, Brasil. Curitiba. [1960] (mimeog.).

